EXTRA 2

LAMPIÃO

Não pode ser vendido separadamente

Leitura para maiores de 18 anos

ENSAIOS SELVAGENS

Os temas:

Orgasmo vaginal – o tabu do homossexualismo

o estupro como ato de poder

a matança das bichas na Alemanha nazista

a agonia de um prisioneiro guei

a questão negra – a doença heterossexual

Os autores (e/ou tradutores):

Pasolini-Rubem Confete-Francisco Bittencourt

João Silvério Trevisan-Aguinaldo Silva-Clóvis Marques

Seja também um lampiônico: assine o seu jornal

●

Querido leitor: estamos desaguando, com este exemplar de LAMPIÃO que você agora lê, no nosso nº 24. Isso sem que, nestes dois anos — e apesar do sufoco inicial, com as perseguições policiais e o processo —, chegássemos atrasados uma só vez às bancas. Com este número, atingimos a maioridade, e com o tesão de sempre: queremos chegar, depressinha, ao nº 48.

Para tanto, LAMPIÃO precisa crescer. E ele só poderá fazê-lo se você, que o lê mensalmente, assumir sua condição de lampiônico e colaborar com ele. Estamos iniciando, neste número, a campanha das mil novas assinaturas: precisamos consegui-las até agosto, para que possamos dar início à publicação de livros gueis, de nosso calendário entendido (com fotos que nunca estiveram no gibi), etc.

Assine LAMPIÃO; diga aos seus amigos gueis que façam o mesmo; presenteie aquele seu amigo que mora em Cabrobó, Pernambuco, ou em Medina, Minas Gerais, ou em Bacabal, Maranhão, com uma assinatura: ele ficará eternamente grato a você: ajude-nos a fazer com que o jornal chegue aos pontos mais distantes do país — lá, bem longe, onde existe, uma lésbica ou uma bicha solitária.

Propagar o jornal que é o porta-voz das causas gueis — esta é a forma mais simples, mais imediata de ativismo, e sua importância é inestimável. É por isso que lhes fazemos, agora, este apelo: participe da nossa campanha das mil novas assinaturas; ajude LAMPIÃO a ser, cada vez mais, o seu jornal. Até agosto, contamos com você.

Heterossexualidade: perversão ou doença?

James Lindesay
(Osler House, Oxford)

A heterossexualidade (derivado do grego "heteros", que significa diferente, enquanto que no latim "heitare" quer dizer bocejar) é uma condição na qual o indivíduo é sexualmente atraído por membros do sexo oposto. Está se tornando cada vez mais aparente que os heterossexuais (ou "drabs" — insípidos —, como eles mesmos se chamam) formam de fato uma significativa proporção da comunidade — é de longe o mais comum dos desvios sexuais —, de forma que o médico tem de estar preparado para tratar do problema quando ele surge.

A heterossexualidade não respeita fronteiras de classe ou cultura; homens e mulheres de todas as raças e classes sociais são acometidos por ela. É no entanto verdade que, graças a um processo de auto-seleção, certas ocupações são as que os heterossexuais têm maior tendência a exercer. Entre os homens, essas ocupações incluem trabalhos agressivos como os de mão-de-obra ou de motorista de caminhão, que ajudam a agüentar as ansiedades resultantes do desempenho de um papel, e várias outras profissões (inclusive, deve ser dito, a da medicina), onde a possessão e o exercício do poder são a atração. As mulheres preferem ocupações menos ativas como, por exemplo, de secretária ou vivandeira. Muitas mulheres, naturalmente, não conseguem trabalhar, presas em casa por causa das crianças, que são quase sempre a conseqüencia das relações heterossexuais.

A vida social dos heterossexuais é lúgubre, com pegações feitas em locais bem conhecidos da cidade (certos bares, discotecas), ou simplesmente caçando pela rua. Eles pegam sozinhos, ou em grupos, e procuram constantemente a satisfação sexual através de relações sempre iguais e muitas vezes superficiais, geralmente anônimas e raramente satisfatórias (de fato, a prostituição heterossexual não é incomum). Numa tentativa de desfazer esse quadro deprimente, muitos heterossexuais chegam a aderir a um tipo de "casamento"; mas, depois de um início apaixonado, mais de um quarto dessas relações dão com os burros n'água, como demonstram as atuais estatísticas sobre o índice de divórcios.

Do ponto de vista psiquiátrico, os heterossexuais podem ser classificados em termos gerais dentro dos seguintes grupos:

I *Adolescentes e adultos mentalmente imaturos*.: É bastante comum que o jovem se entregue a um comportamento heterossexual sem qualquer sentimento aparente de medo ou culpa; ele considera tal comportamento mais uma travessura do que desordem. Essa atitude muitas vezes persiste na vida adulta.

II *Personalidades doentias:* Distúrbios neuróticos, alcoolismo, psicopatia e outras anomalias da personalidade são extremamente comum entre heterossexuais estudados por psiquiatras. Essa pertubação pode afetar o indivíduo de duas maneiras; pode ser de caráter interno, causando depressão e sentimentos de inadaptação, ou então dirigida para fora na forma de comportamento ressentido e anti-social. Ainda não foi determinado se essas desordens associadas predispõem uma pessoa ao heterossexualismo ou se são a conseqüência dele.

III *Invalidez mental séria:* Ocasionalmente, o comportamento heterossexual é um único componente numa desordem psicótica grave (muito frequentemente esquizofrenia), ou na deficiência mental. Esses heterossexuais têm muitas vezes de serem segregados da sociedade até tornarem-se inofensivos pela idade ou tratamento específico.

IV) *Personalidades latentes, bem equilibradas:* Alguns heterossexuais conseguem levar vidas úteis suprimindo seus impulsos e reconduzindo a libido por canais mais construtivos; por exemplo, médicos e enfermeiras de plantão noturno. Inevitavelmente, as tensões impostas por tal abstinência tornam-se na maioria dos casos insuportáveis, e alguns desses heterossexuais fraquejam, chegando a "casar", num acesso de pânico heterossexual.

V) *Personalidades relativamente intatas:* Por último, há um grupo cujo desenvolvimento da personalidade e funcionamento do ego parecem intatos, conduzindo-se eficaz e construtivamente na sociedade. Não se deve esquecer que alguns dos nossos maiores cientistas, artistas, advogados e até primeiros-ministros foram e são heterossexuais.

De qualquer forma, todas essas pessoas apresentando um comportamento heterossexual têm certas caracteristicas comuns de personalidade. Têm dificuldade em conciliar impulsos condicionados e agressivos, e há grande tendência de se tornarem estereotipados em seu papel específico; qualquer ameaça a esse papel lhes causará óbvia ansiedade e poderá até empurrá-los para a violência física.

Como bem demonstra a freqüência de estupros e as surras na "esposa", a heterossexualidade masculina pode muitas vezes se espressar como hostilidade para com as mulheres; de fato, muitos assassinatos por ano no Mundo Ocidental são de um heterossexual por seu (ou sua) cônjuge. Por sua própria natureza, a cópula heterossexual é um ato agressivo, reiterando, como o faz, a castração simbólica da parte feminina passiva. A reprocidade em sexo é rara, e geralmente não é vista com bons olhos por outros heterossexuais.

Sua tendência é se preocupar com sexo. Acredita-se que um heterossexual de vinte anos pode gastar tanto quanto dois terços de sua vida ativa entregue a fantasias sexuais. Certas qualidades físicas são muitas vezes populares; um heterossexual masculino pode ter uma preferência exagerada por um detalhe específico da anatomia feminina como, por exemplo, os seios, as nádegas, ou mesmo as pernas. Esse fetichismo do corpo também é encotrado em mulheres, para quem ter pênis grande e quadris estreitos estão entre os atributos considerados desejáveis. Com relação ao comportamento sexual, são comuns fortes atrações e aversões. Os papéis ativo e passivo são raramente trocados, com o resultado inevitável que o ato transforma-se em hábito ou dever, sem qualquer prazer. Outras perversões podem ser associadas com a heterossexualidade.

Muitos psiquiatras acreditam que a inteligência média dos heterossexuais como um grupo é mais baixa do que a da população como um todo. Não há um trabalho publicado para apoiar ou contradizer tal opinião mas, se for verdade, ajudaria a explicar a dificuldade que muitos heterossexuais parecem ter para compreender o valor e o significado das circunstâncias da vida.

Existe ainda muita coisa para ser descoberta sobre o que causa a heterossexualidade. É provável que haja mais de uma etiologia. Os heterossexuais são um grupo diversificado, e enquanto em alguns os fatores constitucionais podem ser importantes, em outros as influências ambientais e psicológicas estão provavelmente embaralhadas.

CONSTITUCIONAL

As influências genéticas podem ou não ser significativas; as evidências existentes são insuficientes e novas pesquisas se fazem necessárias. Não foi encontrada qualquer anormalidade de cromossomos e os heterossexuais não têm características físicas que os distingam. É um fato, porém, que a maioria dos heterossexuais tem pais heterossexuais.

Foi sugerido por diversos pesquisadores que a heterossexualidade pode ser o resultado de desequilíbrio hormonal. Nos machos adultos, os níveis de testosterona parecem afetar a intensidade do impulso sexual, mas não sua orientação; os níveis de urina do hormônio não são significativamente diferentes em heterossexuais. Mas uma versão mais requintada da teoria diz que o hormônio produz seu efeito atuando sobre o cérebro num período crítico de seu desenvolvimento. Diversos estudos mostraram que a estrutura e função do cérebro em desenvolvimento do rato podem ser perturbados se expostas a andrógenos (hormônios masculinos). Não se sabe ainda se esses distúrbios hormonais podem ser levados em conta com relação aos modelos observados de comportamento da heterossexualidade humana.

AMBIENTAL

Sem dúvida, a criação do indivíduo, se predisposta de certa maneira, pode levá-lo ao heterossexualismo. Como diz Hoflung: "os elementos do comportamento sexual que são chamados de desviados nos adultos ocorrem regularmente em crianças e bebês". Tal comportamento — por exemplo, brincadeiras mútuas com os órgãos genitais por meninos e meninas, ou uma curiosidade mórbida em relação às partes genitais do genitor do sexo oposto é coisa comum entre aqueles que mais tarde serão heterossexuais.

A experiência da maioria dos conselheiros "matrimoniais" nos diz que os heterossexuais tendem a casar com seus pais; isto é, querem como parceiros aqueles que não só podem oferecer a segurança de uma relação familiar mas também uma gratificação sexual que lhes é proibida pelos tabus do incesto. Ao procurar mulheres como parceiros sexuais, o heterossexual masculino está sendo motivado primeiramente pelo medo; medo não só do incesto, mas também da perda da relação maternal que estaria sendo ameaçada na sociedade pela presença de outros homens.

Há provavelmente um forte elemento de identificação fantasiosa com o genitor do mesmo sexo, e um desejo de adotar esse papel paternal em relação aos outros. Meninos com pais autoritários e meninas com mães protetoras e discretas parecem ser particularmente vulneráveis a isso. No homem, essa identificação com o pai como parceiro dominante de qualquer relacionamento é a causa principal das ansiedades sexuais e um fator significativo na etiologia da violência sexual.

Esses são, pois, alguns dos fatores que atuam para impor o comportamento heterossexual sobre o indivíduo. Uma vez bem estabelecido, outras pressões reforçarão esse comportamento (ou, de fato, o gerarão por sua própria conta), sendo elas de tal monta que podem tornar o tratamento difícil ou impossível. Quando o indivíduo é transformado em parte de um grupo heterossexual (o mundo insípido), e adotados os maneirismos típicos e o jargão heterossexuais, a força do grupo entra em ação para mantê-lo assim, sendo que qualquer pensamento de abandonar ou mudar seu papel de heterossexual será desencorajado pelos outros. Essa coerção é o preço que a pessoa tem de pagar pelas severas medidas de segurança que um grupo desses tem a oferecer. Em nível pessoal, é sempre lisonjeiro ser considerado atraente, e essa satisfação da vaidade é uma recompensa tão importante para o heterossexual como o seria para qualquer outro. Finalmente, deve ser lembrado que o comportamento heterossexual é frequentemente recompensado cor ganhos materiais.

São esses prêmios que levam provavelmente o heterossexual a rejeitar, muitas vezes com desprezo, qualquer oferta de ajuda psiquiátrica. Eles afirmam que são perfeitamente felizes assim, que a heterossexualidade é uma condição "superior", que os psiquiatras só querem puni-los, e assim por diante. Está claro que tais defesas resultam da insegurança e o médico tem de oferecer seu apoio com cuidado e tato. Os heterossexuais merecem nossa simpatia e tolerância tanto quanto precisam de socorro profissional.

— Obras consultadas:

1) Population Trends (1976), Marriage and Divorce, London, Her Majesty Stationery Office, p.3

2) Kolodny, R.C. (1976), Sexual Behaviour: Hormonal Control. Neuroendocrinology, ed. Martini & Ganong, vol. 2, p.197 — Academic Press, New York

3) Hoelug, C.K., Texbook of Psychiatry (1975), J.P. Lipincott Co., Philadelphia and Toronto

4) Mussen, P. & Distler, L. (1959), Masson Relationships. Freud and Psychology, p.305, Penguin Modern Psychology.

(Reimpresso da OXFORD MEDICINAL SCHOOL GAZETTE, vol. 20, n.3.)

Tradução de Francisco Bittencourt

ENSAIO

De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais

Por volta de 1933, Máximo Gorki iniciou uma série de artigos sobre o "humanismo proletário", sustentando a tese de que o homossexualismo, enquanto "ruína dos jovens", era um produto típico do fascismo e que, portanto, não tinha lugar no coração do povo. Na mesma época, outros escritores e homens políticos soviéticos liderados por Kalinim, iniciaram uma violentíssima campanha propagandística contra os homossexuais, juntando-os a todo tipo de criminosos sociais: os bandidos, os traidores, os espiões, contra-revolucionários e agentes do imperialismo. Essa tendência alcançou seu ponto alto em março de 1934, quando um decreto assinado pelo próprio Kalinim passou a considerar as relações íntimas entre indivíduos do sexo masculino como puníveis com prisão de três a oito anos, conforme a gravidade daquilo que foi então taxado e enquadrado como "crime".

Gorki escreveu: "Nos países fascistas, o homossexualismo, que é a ruína dos jovens, floresce impunemente. Já existe até um ditado na Alemanha (pré-nazista): eliminem-se os homossexuais e o fascismo desaparecerá. "Entretanto, na noite de 30 de junho de 1934 (apenas três meses após a aprovação da lei soviética que enterrava, de um só golpe, todas as conquistas sexuais libertarias da Revolução de Outubro), o Comando Especial de Himmler, a S.S., invadia a hospedaria de Bad Wesses, uma estância termal onde estava reunido o Estado-Maior da S.A., e exterminava quase todos os presentes. Em poucos dias foram eliminadas outras 200 pessoas, muitas das quais pouco ou nada tinham a ver com a S.S. ou com seu chefe, Ernst Roehm. Em função disso, Hitler dizia (em seu discurso de 11 de novembro de 1936 sobre o perigo racial-biológico da homossexualidade) que "não titubeamos em extirpar essa peste com a própria morte, mesmo entre nós", quando esse **perigo** invadiu também a Alemanha.

Em 26 de janeiro de 1938, o mesmo argumento foi repetido por Goebbels, Ministro da Propaganda, ao fazer seu primeiro ataque declarado à igreja católica, acusando-a sobretudo de imoralidade. Dizendo que os membros do clero e dirigentes das organizações juvenis católicas deveriam, se capazes, adotar a "Ordem" nacional-socialista, Goebbels afirmou: "Quando, em 1934, certas pessoas pretenderam fazer no Partido o que se faz nos conventos e entre os padres; carregando essa imoralidade para nosso meio, nós as eliminamos. Devemos ser sumamente gratos ao Fuhrer, que nos livrou dessa peste".

Mas é bastante provável que Hitler jamais teria considerado seu lugar-tenente Roehm como um monstro degenerado se este não tivesse insistido demais nas idéias radicais que todos conhecemos; acontece que sua S.A. andava pregando a necessidade de uma segunda revolução para arrasar com os capitalistas (que, em troca, cortejavam Hitler) e com o exército (que a S.A. queria substituir, contra a opinião do Fuhrer); afinal, os militares eram importantes para a constituição de uma poderosa Wermacht almejada por Hitler.

Além do mais, a milícia "privada" de Roehm passara de 300 mil homens em 1932 para cerca de 3 milhões em dezembro de 1933 e tinha sido um fator decisivo na escalada de Hitler ao poder. Roehm era um dos poucos, ou melhor, o único que podia chamar o Fuhrer de "você". E, quando alguém lhe chamava a atenção para o comportamento homossexual de seu lugar-tenente, o Fuhrer respondia com justificativas do tipo: "Ah, isso acontece sempre que as pessoas ficam muito entre os militares. Tornam-se tão idiotas quanto eles. É só colocar Ernst Roehm no seu ambiente adequado e então tudo isso acabará".

Quando finalmente Roehm foi acusado, em 1934, com base no Artigo 175 do Código Penal Alemão (que punia os atos de natureza homossexual), o partido nacional-socialista **não teve qualquer** reação negativa; ao contrário: um indivíduo que procurou tirar proveito de uma antiga relação com Roehm foi assassinado pelas S.S., enquanto Roehm era defendido e protegido por Heydrich. Mais tarde, a 30 de janeiro de 1939, ao falar sobre a **purificação moral** e a **saúde biológica** relativamente ao caso Roehm, Hitler disse: "Há cinco anos atrás, houve alguns membros do partido que se mancharam de culpa infame e foram fuzilados por esse crime". O caso Roehm foi de máxima importância na história do

Terceiro Reich: serviu de modelo e inspiração permanente para a luta contra os inimigos do regime ou adversários pessoais.

O Artigo 175 foi introduzido na legislação penal alemã no ano de 1871, para punir o "comportamento homos sexual entre homens". O grande estudioso e humanista Magnus Hirschfeld lutou contra ele por muito tempo, defendendo os direitos dos homossexuais através do Comitê Científico Humanitário, ao lado de Adolf Brandt, Fritz Radzuweit e alguns mais. De todo modo, esse Artigo nunca provocou muitos problemas até o momento em que os nazistas conquistaram o poder e decidiram usá-lo como arma política e de vingança pessoal. Em 1933, houve 835 pessoas condenadas a partir de sua aplicação. Em 1934, imediatamente após o caso Roehm, o número subiu para 948; e de repente as cifras enlouquecem: em 1936 foram 5.321 os condenados; em 1939, já são enviados para os campos de concentração 24.450 pessoas acusadas de atos homossexuais.

Apesar da lei vigente, as punições contra o homossexuais tinham sido bastante reduzidas, antes da guerra 1914/18. Após a guerra, o governo constituído de partidos de esquerda também não aplicava nenhuma medida repressiva, deixando aos homossexuais a liberdade de se juntarem e se organizarem um pouco em seus bares, clubes, saunas ou através de suas revistas. Finalmente, a 16 de outubro de 1929, a Comissão Penal do Reichstag pronunciou-se a favor de uma eventual supressão do Artigo 175. Referindo-se a essa decisão, o futuro Ministro da Justiça, Frank, falou a 10 de dezembro do ano seguinte, para definir como imoral "essa tolerância que se pretende impingir a todo o povo alemão".

Apesar disso, os próprios nazistas, que tinham muitos homossexuais em suas fileiras, não apresentaram nenhuma iniciativa mais radical, nos primeiros anos de existência do seu partido.

As premissas ideológicas para uma repressão com "meios mais sofisticados" foram dadas pelo jurista Rudolf Klare, especialista do Partido Nazista para assuntos relativos ao homossexualismo; de fato, em seu livro **homossexualidade e Direito Penal**, Klare propunha um reforço das punições contra "esses indivíduos" que constituem maior perigo para "o povo, o Estado e a raça"; e sugeria a criação de **reformatórios** para as lésbicas. Referia-se também a uma "purificação completa", através do extermínio necessário de homossexuais — afirmava que "os degenerados devem ser eliminados para manter a raça pura". Parece interessante constatar que o livro em questão foi dedicado ao professor Dr. Erich Schwinge, a quem se deve "o mérito desta colaboração verdadeiramente fraterna entre professor e discípulo, sem a qual esta obra não poderia ser realizada num espaço de tempo tão breve. Eu lhe agradeço muito por isso". **Atualmente**, o Dr. Erich Schwinge é professor de Direito Público em Marburg.

Já com uma cobertura ideológica, a via legal para a repressão foi aberta no dia 1º de setembro de 1935. Na primavera desse ano, a Comissão Penal Alemã — à qual pertenciam dois juristas nazistas como Freisler e Thiersak — expusera com prudência sua opinião negativa sobre o evento endurecimento na interpretação e aplicação do Artigo 175; um de seus membros mais competentes, o professor Erich von Spach, recomendou: "O legislador deve manter a moderação num campo onde grandes investigações podem provocar grandes prejuízos". Mas na reunião do Partido em Nuremberg, Goering tocou no problema pedindo "a defesa e proteção do sangue e da honra alemã"; enquanto isso, Hitler mostrou-se favorável ao endurecimento do Artigo 175. Schaufler, Diretor Geral do Ministério da Justiça enchia-se de alegria: "Foi preenchida uma séria lacuna".

Passados 26 anos do final da guerra e da abertura dos campos de concentração (1) ainda não se estabeleceu o número exato de vítimas. Quanto aos homossexuais, poucos sobreviventes (e muito raramente) apareceram para reclamar indenizações, pagamentos ou reabilitações, inclusive porque até poucos anos atrás estavam ainda ameaçados pela vigência do Artigo 175, dependurado como uma espada de Dâmocles sobre suas cabeças. Assim, a cifra oficial fala de 50.000 a 80.000 vítimas, mas provavelmente está muito longe da realidade que, como se pode imaginar, parece ser muito mais trágica. (É preciso lembrar, por outro lado, que muitos dos condenados com base nesse Artigo não eram homossexuais, mas simplesmente opositores do regime ou inimigos pessoais dos poderosos, cabendo-lhes, portanto, a acusação considerad mais degradante).

Depois de julgados e condenados, os violadores do Artigo 175 passavam para as mãos da Gestapo (a polícia secreta do Estado) e eram enviados aos campos de concentração: Auschwitz, Dachau, Neuengame, Ravensbruek, Sachsenhausen, Natsweiler, Bergen-Belsen, Fuehlsbuettel, Fosenberg e outros mais: aí eram freqüentemente castrados e mandados para os trabalhos mais repugnantes e mais pesados que acabavam acelerando seu fim: ou então tornavam-se bode-expiatório dos demais companheiros de prisão, que os maltratavam e violentavam.

Não existem muitos documentos sobre tema, especialmente pela compreensível aversão dos homossexuais em tornar pública uma perseguição que a sociedade ainda pretende justificar e perpetuar; além disso, muitos historiadores manifestaram indiferença ante o tema, por associarem os homossexuais com deliqüentes "comuns", e reservaram todo seu interesse para os presos políticos (2 milhões de vítimas), ou para os judeus (os mais duramente atingidos: 6 milhões de mortos). Outros motivos dessa ausência de dados: o método usado pelos responsáveis dos campos de concentração para esconder seus crimes e, talvez mais importante do que todos os outros, o fato de que só sobreviveram muito poucos condenados, que poderiam contar os acontecimentos com mais precisão.

Em todo caso, apesar do esquecimento a respeito, existem raros e espantosos testemunhos. Eugen Kogon, em seu livro **O Estado S.S.**, diz apenas: "Sobre o destino reservado (aos homossexuais), só se pode dizer que foi terrível: estão quase todos mortos".

O médico e escritor Classen Neudegg publicou uma série de artigos no jornal de Hamburgo, Humanistas; aí ele fala de muitos casos de que soube ou que viu diretamente: "Os homossexuais já tinham sido torturados e morriam lentamente de fome ou por excesso de trabalho, tudo com uma crueldade inimaginável (...). Então a porta da residência do Comandante se abre e um oficial do nosso grupo anuncia: "300 imorais serão reunidos por ordem". Fomos registrados e então percebemos que nosso grupo iria ser isolado numa companhia de punições mais rigorosas; soubemos também que no dia seguinte seríamos levados para uma grande fábrica de tijolos, para trabalhos forçados. A fama dessa fábrica em liquidar com as pessoas era absolutamente terrível". (A S.S. considerava o trabalho nas fábricas de tijolos como um terceiro grau de onde não se saía com vida; Kogon chama-as de "trituradoras"). Von Neudegg conta até mesmo sobre experiências com fósforo em pessoas vivas — o que lhes provocava dores "impossíveis de traduzir em palavras".

Nesses campos de concentração, os homossexuais eram marcados com um triângulo rosa sobre a manga ou sobre o peito, o que servia para distingüi-los dos presos políticos (triângulo vermelho), dos ladrões (verde), dos testemunhas de jeová (violeta), dos ciganos (marron), dos judeus (amarelo) e dos criminosos (negro). Conforme relato de uma testemunha no livro de Wolfang Harthauser **O grande tabu**, somente no período de sua permanência em Sachsenhausen, foram eliminados a sangue frio de 300 a 400 homossexuais, mortos em conseqüência dos trabalhos forçados ou porque chegavam com os ossos dos braços e pernas quebrados. Apenas no campo número cinco de Neusustrum, um terço dos prisioneiros era composto de homossexuais. Num processo contra um guarda acusado de outros cem homicídios, foi constatado que esse homem era especialista em lançar potentes jatos de água gelada contra o preso, até levá-lo à morte. Conta-se aí que suas vítimas preferidas eram os judeus e os homossexuais.

(1) Este artigo foi publicado pela primeira vez em 1972, no Boletim do Cidams, 3. Posterior mente, várias revistas e jornais do mundo inteiro reproduziram-no, sobretudo na Itália, Suiça, França e Argentina.

Um texto clássico do feminismo americano

Mulheres: o mito do prazer

*(Este é um texto já clássico do feminismo americano, tanto pelas polêmicas que provocou quanto pelos caminhos novos que indicou à sexualidade feminina. A autora, Anne Koedt, iniciou o movimento feminista de cunho socialista, em Nova Iorque, e já tem vários livros publicados sobre a luta feminista, entre eles **Notes from the second year**, do qual faz parte o presente ensaio)*

Os homens, em geral, definem frigidez feminina como uma dificuldade de se chegar ao orgasmo vaginal. A verdade, entretanto, é que a vagina não possui um alto grau de sensibilidade nem se destina fundamentalmente à obtenção do orgasmo. O centro da sensibilidade sexual feminina é o clitóris, que desempenha um papel equivalente ao do pênis no homem. Pode-se imaginar, a partir daí, porque a incidência da assim chamada "frigidez" seja tão fantasticamente alta entre as mulheres. Os "especialistas", desconhecendo a anatomia feminina, costumam dizer que a frigidez não passa de um problema psicológico diagnosticado como sendo uma "dificuldade de ajustamento ao papel feminino". Acontece que a história é bem outra, de um ponto de vista anatômico: apesar de serem muitas as regiões para estímulo sexual, o clitóris é a única área do corpo feminino que leva ao orgasmo.

Se ele não for devidamente estimulado, as mulheres são tornadas "frígidas", conforme acontece nas posições sexuais mais comuns. É verdade que, além do estímulo físico, existe também o estímulo por processos mentais, como no caso da utilização de fetiches ou fantasias sexuais. Mas mesmo havendo estímulo basicamente psicológico, o orgasmo será sempre uma manifestação com **efeito físico:** ele necessariamente ocorre no clitóris, que é o órgão equipado para tanto, como se vê.

Então, vale a pena examinar o sexo "papai-mamãe" e ver como é que as mulheres se colocam dentro dele. Na relação heterossexual, os homens atingem o orgasmo, fundamentalmente através da penetração/fricção na vagina, enquanto que o clitóris, sendo um órgão externo, não oferece tão boas condições. Como as mulheres sempre são sexualmente definidas em função daquilo que dá prazer aos homens, as distorções chegam até o ponto de se associar a liberação da mulher com sua capacidade de atingir o orgasmo vaginal — orgasmo esse que simplesmente não existe. Ora, nós mulheres devemos redefinir nossa sexualidade, desvencilhando-nos dos conceitos de sexo "normal" e criando novas diretrizes que exijam nosso quinhão no gozo sexual. Apesar de largamente aplaudida em manuais para noivos, a idéia da satisfação sexual mútua nunca chega às vias de fato. Somos vítimas de uma exploração sexual e precisamos mudar essas circunstâncias.

Freud tem importância como o pai do orgasmo vaginal. Asseverou que o orgasmo clitorial seria um estágio adolescente da sexualidade e que as mulheres, após passarem a puberdade e começarem a relacionar-se com homens, deveriam transferir o centro do orgasmo para a vagina, como sintoma de maturidade. Mary Ellman considera que "toda a atitude paternalista e indecisa de Freud com relação às mulheres segue-se à constatação de que elas não têm pênis." A partir daí, não constituiu surpresa para Freud a descoberta da frigidez na mulher, recomendando tratamento psiquiátrico por entender que haveria nesses casos um "desajustamento mental ao papel natural feminino". A explicação é que a mulher estaria invejando o homem e, em conseqüência, renunciando à sua "feminilidade". Ao invés de basear-se num estudo da anatomia feminina, Freud partiu da constatação de que a mulher é, tanto social quanto psicologicamente, um acessório do homem. Quando os freudianos descobriram que a frigidez constituía um problema maciço entre as mulheres, meteram-se em verdadeiras ginásticas mentais para buscar uma solução. Marie Bonaparte, por ex., chegou a sugerir intervenção cirúrgica como forma de sanar o "desajustamento ao papel feminino". Diz ela que, após ter descoberto uma estranha conexão entre mulheres não-frígidas e a localização do clitóris perto da vagina, achou "que se devia efetivar uma reconciliação clitóris-vagina mediante cirurgia, sempre que o intervalo entre ambos fosse excessivo e a fixação clitorial se apresentasse enrijecida." O professor Halban, biólogo e cientista vienense, desenvolveu então uma técnica cirúrgica muito simples: o ligamento de suspensão era rompido; firmando-se apenas sobre suas bases, o clitóris era fixado numa posição mais baixa, com eventual redução dos pequenos lábios.

Fica evidente o absurdo de querer mudar a anatomia feminina para enquadrá-la dentro de esquemas pré-estabelecidos. Mas o prejuízo maior, no caso, é que a saúde mental das mulheres ficou abalada: sofriam de sentimento de culpa ou corriam em massa aos psiquiatras, para descobrir a terrível repressão que as desviara de sua "fatalidade vaginal".

Tais desacertos seriam justificáveis por tratarem de situações ainda desconhecidas? Não parece. Os homens sempre souberam que suas mulheres sofriam de frigidez freqüente, durante o sexo. Sabiam também que as mulheres, sejam crianças ou adultas, usam o clitóris como órgão essencial para a masturbação. Além do mais, por conhecerem o poder do clitóris, eles, normalmente o manuseiam durante as "brincadeiras preliminares", para excitar as mulheres e provocar assim a lubrificação necessária da vagina, facilitando a penetração. Entretanto, logo que a mulher fica excitada, o homem interrompe o "joguinho" e passa para a estimulação vaginal, deixando sua parceira com tesão não satisfeito. Por outro lado, os homens sabem também que as mulheres não necessitam de anestesia durante cirurgia na vagina, exatamente pela baixa sensibilidade dessa região.

EVIDÊNCIAS ANATÔMICAS

Ao invés de discutir aquilo que as mulheres **devem** sentir, é mais lógico começar por um exame de sua anatomia.

***Clitóris.** Trata-se de um equivalente menor do pênis, com a diferença que não tem uretra. Sua ereção assemelha-se à ereção masculina e sua cabeça tem o mesmo tipo de textura e função que a glande do pênis. G. Lombard Kelly diz que "a cabeça do clitóris tem a mesma composição de tecido erétil e possui uma pele muito sensível que está carregada de terminais nervosos chamados corpúsculos genitais; por sua fácil estimulação, esses é que permitem a consecução do orgasmo, em condições mentais propícias; nenhuma outra parte do aparelho reprodutivo da mulher possui tais corpúsculos." Isso quer dizer que o clitóris não tem outra função além do prazer sexual.

* **Vagina.** Suas funções relacionam-se com a reprodução, principalmente na menstruação, recepção do pênis, retenção do sêmen e saída para o nascimento. Kinsey afirma que o interior da vagina é "quase igual a todas as outras estruturas internas do corpo, muito pouco provido de terminais tácteis; o tipo de revestimento interno torna a vagina semelhante, nesse sentido, ao reto e outras partes do aparelho digestivo."

O grau de insensibilidade da vagina é tal que, ainda segundo Kinsey, "entre as mulheres examinadas no teste ginecológico, menos de 14% perceberam que tinham sido tocadas". A importância da vagina, do ponto de vista sexual feminino, tem sido considerada secundária até mesmo enquanto centro **erótico** (em oposição a centro orgástico).

* **Pequenos lábios e entrada da vagina.** Essas duas áreas sensitivas podem incentivar o orgasmo clitorial, se efetivamente estimuladas durante o coito "normal", o que não é muito freqüente. Por isso, muitas vezes, confunde-se com orgasmo vaginal o estímulo aí sentido. Segundo Keley, "qualquer que seja o meio de excitação usado para levar alguém ao estado de clímax sexual, a sensação é percebida através dos corpúsculos genitais e aí se localiza: na cabeça do clitóris ou do pênis". Até mesmo a estimulação mental pode, através da imaginação, impulsionar os corpúsculos genitais para o orgasmo.

Por desconhecerem sua própria anatomia, algumas mulheres acreditam que o orgasmo sentido nas relações "papai-mamãe" provenha da vagina. O problema tem sido apelidado de "comédia sexual", pois a grande maioria das mulheres que fingem ter orgasmo vaginal, na relação hetero, fazem isso para "garantir" pelo menos um mínimo de sexo. Da parte dos homens, pode-se dizer que são pressionados para se afirmarem através da mulher: sua habilidade enquanto amantes significa uma prova a ser vencida. A mulher, por sua vez, simulará o êxtase sexual para não ofender o ego masculino nem desobedecer as regras prescritas pelo universo do homem.

Seu próprio prazer, via de regra, existirá apenas como um acréscimo nem sempre necessário. O resultado mais daninho e irritante disso tudo talvez seja o fato de que mulheres sexualmente sadias acabaram se convencendo de estarem enfermas: sentem-se culpadas de uma culpa que nunca existiu, vivem em estado de privação sexual ou enveredam pelo caminho da autodestruição e insegurança. Enquanto isso, os analistas aconselham-nas a serem mais femininas e rejeitarem sua inveja pelos homens.

POR QUE A SOCIEDADE MACHISTA MANTÊM O MITO?

* **Preferência pela penetração sexual.** Entre os homens heterossexuais, o melhor estímulo físico para o pênis é a vagina, pois ela fornece a lubrificação e fricção necessárias para chegar ao orgasmo. Como o chauvinismo masculino se recusa, ou não consegue ver a mulher enquanto um ser humano específico, as mulheres são invisíveis na relação e não se supõe que devam ter desejos próprios. Tanto na cama quanto na sociedade, elas existem primordialmente para responder aos interesses masculinos.

* **O pênis como corolário da masculinidade.** Entre os homens, é muito comum que a masculinidade defina suas vidas e enfatize seu eu. Considerando a masculinidade como algo superior, eles impõem-se também sobre as mulheres. Então, por mais homogênea que seja uma sociedade (supondo ausência de diferenças econômicas, étnicas e raciais), as mulheres serão, de saída, um grupo oprimido. Na medida que tentam racionalizar e justificar sua superioridade através da diferenciação física, os homens simbolizam sua masculinidade na musculatura mais avantajada, no corpo mais peludo, na voz mais grave e no pênis mais volumoso. Por contraste, as mulheres serão mais femininas se forem frágeis e miúdas, se rasparem as pernas e tiverem voz fina, suave. Como o clitóris é quase idêntico ao pênis, pode-se entender porque os homens de várias sociedades tentaram, por um lado, ignorá-lo sistematicamente e enfatizar a vagina (é o caso de Freud) ou, por outro lado, praticar de fato a clitoridectomia (extração do clitóris), conforme o costume até hoje, praticado em regiões do Oriente Médio. Para Freud, esse costume ancestral ajudava a "feminilizar" a mulher, removendo-lhe o principal vestígio de masculinidade. Convém lembrar, inclusive, que se considera feio e masculino ter um clitóris grande. Por isso existe, em certas culturas, a prática de banhar o clitóris em material químico, para fazê-lo enrugar até voltar a seu tamanho "exato". A clitoridectomia em especial é explicada como uma maneira de impedir que as mulheres caiam em exageros. Presume-se que a remoção do clitóris irá diminuir o impulso sexual feminino, pois enquanto propriedade do homem, não se permitirá que a mulher seja sexualmente livre. Na verdade, os homens vêem o clitóris como uma ameça à sua própria masculinidade.

* **Clitóris e bissexualidade.** Se o centro do prazer sexual feminino passar da vagina para o clitóris, os homens temem tornar-se sexualmente dispensáveis. De um ponto de vista anatômico, isso é verdade: enquanto a ausência da vagina cria um problema para o homem heterossexual, o mesmo não acontece com a mulher em relação ao pênis. Albert Ellis diz que um homem sem pênis pode perfeitamente fazer da mulher uma excelente amante. A sexualidade lésbica, inclusive, fornece um perfeito exemplo da irrelevância do órgão sexual masculino para o orgasmo da mulher. Não existem, em última análise, argumentos anatômicos que expliquem suficientemente porque as mulheres buscam prazer só com os homens. A exclusão de outras mulheres como parceiras sexuais não se explicaria então por motivos puramente psicológicos? A sociedade machista, além de temer os motivos anatômicos que facilitam o amor entre as mulheres, teme também que elas mantenham relações mais humanas e completas entre si.

A verdade é que o reconhecimento do orgasmo clitorial ameaça toda a **instituição heterossexual**: ele evidencia que o prazer sexual feminino pode ser obtido com os homens quanto com as mulheres entre si. Assim, a heterossexualidade deixa de ser um dado absoluto, para tornar-se apenas uma opção. A questão da sexualidade fica em aberto, extravasando os limites do atual sistema baseado na dicotomia macho-fêmea.

Tradução e adaptação de João Silvério Trevisan

"Ih, são meus pais. Depressa, me ajuda a encontrar alguma coisa heterossexual para dizer!"

ENSAIO

Violação: ato de sexo ou de poder?

— Eles eram três e estavam armados de revólveres. Entraram em nossa casa pela varanda que dá para a encosta do morro, vieram para roubar. Estávamos todos lá: a dona da casa, uma senhora de 65 anos que nos alugava um quarto, sua empregada, uma mocinha negra, eu, meu marido e nosso filho de quatro anos. Eram nove horas da noite, e tudo foi muito rápido: eles deram ordem para que meu marido, que estava no quarto com a criança, não saísse de lá; pediram todo o dinheiro que havia na casa, nós demos. Foi quando a dona da casa começou a chorar. Um deles lhe disse: "Fique calma, titia, não vai lhe acontecer nada"; e deu uma ordem aos outros: "Tranquem a velha no banheiro". Depois cochicharam rapidamente entre si e, quando se voltaram, o que parecia o chefe anunciou, em voz bastante alta para que eu e a empregada ouvíssemos: "Vocês podem ficar com a crioula. A branca é minha." (S.S.M.)

Os crimes de violência sexual na França aumentaram em 60% em cinco anos, entre 1969 e 1974. Hoje em dia, a média é de 1500 violações por ano no país. O mesmo aumento vem se verificando nos Estados Unidos. Só em Nova Iorque, que funciona como uma espécie de *medidor* da sociedade norte-americana — é lá que todos os problemas atingem o extremo —, houve 2415 casos de estupro em 1971: em 1972 o número subiu para 3271 e em 1973 passou a 3725, o que corresponde a mais de dez por dia. Além disso, na França como nos Estados Unidos, as autoridades ainda não chegaram a um acordo — não se sabe ao certo se o número de ataques vem aumentando, ou se o número de vítimas que fazem queixas é que cresceu com relação a esse crime, e por força dos movimentos de liberação da mulher, os sociólogos notaram uma ligeira modificação no comportamento das vítimas quanto à violência sexual: se antes elas tinham vergonha de testemunhar e levar o caso adiante, agora parecem cada vez mais decididas a conseguir que a justiça seja feita, e passaram a usar, em sua defesa, não mais o velho argumento da honra perdida, mas sim o de atentado contra a sua liberdade sexual.

No Brasil, o estupro está enquadrado no artigo 213 do Código Penal e a pena imposta pela Lei é de três a oito anos, não importando a condição da vítima: maior ou menor, virgem ou não, "mulher honesta ou prostituta". Mas as estatísticas sobre o assunto são inteiramente falhas. No Rio, a polícia informava oficiosamente, em meados de maio, que até ali haviam sido registrados três casos em média, em cada uma das 57 delegacias policiais do Grande Rio, neste ano, o que dá um total de 171 estupros em cerca de quatro meses. Os próprios policiais, no entanto, se mostravam céticos, então, em relação aos números que apresentavam: "Em cada 100 casos de violência sexual, apenas um é levado ao conhecimento da polícia".

— Esperei que meu marido dissesse alguma coisa, através da porta do quarto entreaberta, mas ele permaneceu calado. Um dos ladrões chegou a dizer: "Manda o marido dela vir para a sala; ele não pode perder esse espetáculo. "Mas eu olhei para o que me escolhera e lhe pedi: "pelo amor de Deus". E ele repondeu: "Deixa o otário pra lá. Ele é dos que ficam quietos. "Um dos ladrões já agarrara a empregada, que choramingava. O chefe do bando me levou para o sofá, mandou que eu deitasse. De tão apavorada eu me engasguei, e comecei a tossir, descontrolada. Impaciente, ele se debruçou sobre mim e perguntou: "Como é que é? Vai fazer bonitinho, ou eu vou ter que lhe dar uma coronhadas?" Aí eu fechei os olhos e fiz de conta que estava muito longe dali. (S.S.M.)

As estatísticas sobre violação sexual no Rio, estão arbitrariamente divididas em dois tipos. Primeiro há os casos decorrentes de assaltos, que são a maioria. Depois, aqueles em que os criminosos são "desajustados do meio social", ou pessoas que "perderam momentaneamente o controle". Nesta última classificação, foi incluído o caso de Mônica Strachmann, a moça que matou Leopoldo Heitor Filho ao ser atacada sexualmente por ele.

No primeiro tipo de ataque sexual, segundo os estudiosos do assunto existem diferentes motivações, de acordo com o local onde ele foi efetuado. Em regiões mais pobres, como a Baixada Fluminense — ou mesmo nos morros, onde os agressores geralmente conhecem suas vítimas —, ele tem o objetivo de intimidar, de desmoralizar as famílias assaltadas, para evitar que estas procurem a polícia. Uma grande pesquisa feita na região da Cidade de Deus mostrou porque as jovens violentadas geralmente guardam segredo sobre o assunto: quando um caso desses é divulgado sob a vítima passa a ser considerada uma "mulher sem moral", e, portanto, sujeita a todo o tipo de assédios.

Em locais mais privilegiados como a Zona Sul, no entanto, é outro o mecanismo que faz com que os assaltos geralmente terminem em ataques sexuais; os juristas estão de acordo em que esses ataques têm a finalidade de vingar o desnível social existente entre a vítima e o agressor. "A humilhação não deixa de ser uma forma de o criminoso demonstrar sua repulsa contra esses desníveis. "Este teria sido o caso de S.S.M., moradora no bairro de Botafogo :

— Depois que o chefe do bando se levantou do sofá, o terceiro ladrão disse que também me queria. A empregada parara de choramingar, e o homem que a possuíra estava agora comendo umas frutas que havia sobre a mesa. Do quarto entreaberto não vinha o menor ruído. Eu estava meio fora de mim, teve uma hora em que pensei que, se fizesse força, poderia ouvir o som da respiração do meu marido. Os dois homens me arranharam toda, fizeram de propósito. O segundo ficou gritando no meu ouvido: "sua branca, sua branca", quando ia terminar. Depois eles saíram, nós soltamos a dona da casa que estava presa no banheiro, e lhe demos remédios, pois ela estava passando mal. Meu filhinho saiu do quarto e me perguntou: "O que foi, mamãe?" Meu marido ficou lá.

Mas a verdade é que se no Brasil as estatísticas da polícia — elaboradas apenas a partir de assaltos que terminem em ataques sexuais, ou de casos como o de Mônica Strachmann, em que sua reação violenta ao ataque resultou na morte do rapaz e na chegada do caso aos registros policiais — só permitem que se trace do estuprador um perfil bastante primário (ele é assaltante, ou desajustado social), nos países onde tais estatísticas são melhor elaboradas chegou-se a conclusões bastante surpreendentes sobre a sua ***natureza:*** ele é, na maioria das vezes, o que se poderia chamar de "um homem normal", casado, com filhos e dono de uma vida metódica e ordenada.

Uma pesquisa feita na França mostrou que dos 289 homens condenados por violência sexual no país em 1972, 157 eram casados; destes, 90 eram pais de famílias numerosas — de quatro a nove filhos. E, embora a maioria fosse de operários — 180 deles —, havia até mesmo dois de formação universitária e um "capitão de indústria". Um detalhe: desses 289 casos, 246 tiveram como vítima mulheres menores de idade, condição essencial, em qualquer país do mundo, para que a vítima possa almejar com segurança uma reação positiva da Justiça. Nos Estados Unidos apenas jovens adolescentes, que tenham sido atacadas de preferência dentro de suas próprias casas, é que despertam a piedade da Justiça. Naquele país, os juizes absolvem sumariamente os homens acusados de violência sexual, se eles conseguirem provar que suas vítimas, na ocasião do ataque, usavam minissaia ou não estavam de sutiã. E tão subjetivos são os processos utilizados pela justiça americana nestes casos que existem naquele país advogados do sexo feminino especializados em defender estupradores: a simples presença de uma mulher a defender o acusado já predispõe o juri contra a vítima. Além disso, esta vê sua vida ser levantada durante o processo em todas as minúcias, enquanto do acusado nada se pode dizer sobre seus feitos anteriores, sob a ameaça de ser anulado o processo.

Esse comportamento da Justiça, registrado em todos os países do Ocidente, quando a vítima é maior de idade, é que faz com qua a maioria dos casos de violência sexual jamais chegue às delegacias e aos tribunais: as vítimas preferem quase sempre "esquecer".

— Ele tinha sido amigo do meu pai. Quando me formei, aceitei seu convite para trabalhar em seu escritório de advocacia. Ele tinha uma filha alguns anos mais nova que eu e me tratava de um modo paternal, que sempre me encheu de orgulho. Quando aconteceu foi de um modo terrível, porque ele me agarrou em pleno escritório, no final do expediente, quando todos já haviam saído. Houve luta e eu bati com a cabeça contra uma estante, cheguei até a sangrar. Mas isso não o fez desistir. Ele era um homem muito forte e não se preocupou em ser delicado. Eu tive uma hemorragia e só por isso é que ele ficou assustado. Trouxe-me algumas toalhas recolhidas no banheiro e fez apenas um comentário sobre o assunto: "Eu perdi o controle. Afinal de contas sou um homem, de carne e osso. O melhor que a gente faz é esquecer tudo isso". (A. de R.)

Advogada, hoje com seu próprio escritório, A. de R., vítima de estupro há oito anos, tornou-se uma estudiosa do assunto, "uma verdadeira obcecada", como ela diz. Já chegou a defender algumas vítimas de ataques sexuais e, utilizando seu próprio caso como exemplo (ela seguiu o conselho do estuprador: guardou silêncio sobre o que lhe aconteceu e apenas se afastou dele), nega a validade das estatísticas policiais cariocas que apresentam o estuprador como um desajustado social.

— Todas as pesquisas sérias feitas em outros países indicam que os violadores só raramente apresentam desequilíbrio mental, perversões ou manias. Isso significa que a maioria deles é o que se poderia chamar de **pessoas normais**. Com isso, fica bem claro que eles, ao partir para a violência sexual, não fazem mais que exprimir o condicionamento sexual que lhes foi imposto pela cultura e pelos nossos costumes. Eu sempre cito um comentário feito sobre o assunto por uma feminista francesa: "Os violadores são homens normais, que servem momentaneamente na primeira linha das tropas de choque masculinas, terroristas da mais longa batalha que o homem conheceu — a guerra dos sexos".

Para A. de R., a violação sexual, como a Justiça, é uma coisa de homens. E estes, em relação ao estupro, reagem sempre de acordo com três regras que eles consideram típicas do comportamento feminino: 1 — Todas as mulheres adoram ser possuídas à força; 2 — Nenhuma mulher pode ser violada contra a sua vontade; 3 — Mesmo quando dizem **não**, o que as mulheres querem dizer é **sim**.

— Ele se mostrou muito aborrecido ante a possibilidade de eu necessitar de socorro médico naquela noite, mas felizmente a hemorragia parou. Ele me levou em casa, e foi embora sem dar uma palavra. Não o vi mais, desde então, a não ser aqui, nos corredores do Tribunal de Justiça. Durante meses eu me senti marcada, o mundo já não era o mesmo para mim, mas, ao mesmo tempo, eu devia continuar como se nada tivesse acontecido. O maior pavor era de que aquilo me acontecesse outra vez — eu fiquei com medo dos homens e os evito até hoje. Mas depois a vida tomou seu curso natural. (A. de R.)

Há poucos meses ela defendeu na Justiça uma moça que foi vítima de ataque sexual. O juiz, no entanto, preferiu ver o caso de outro modo — considerou que se tratava de sedução e convenceu o agressor a resolver o problema casando com a vítima. A. de R. tentou demovê-la, mas M.G., a moça, moradora no subúrbio carioca de Del Castilho, pressionada pela família, aceitou:

— Eu não gostava dele, é claro. Mas a rua inteira ficou sabendo do meu caso: minha mãe, quando viu que eu tinha sido agredida, deu escândalo, chamou os vizinhos, me levou à polícia. Eu vi como é que passaram a me olhar, até mesmo os pais de família, eu passava e eles ficavam comentando Nós somos muito pobres, não podíamos mudar de Del Castilho. A doutora A. me disse logo: "Eles não vão perder uma única oportunidade de te humilhar". Aí eu vi que a única saída era mesmo o casamento, por isso aceitei. (MG.)

O modo negligente como são tratados pela Justiça os acusados de violação sexual pode ser facilmente explicado, na opinião dos sociólogos, se lembrarmos de que maneira as responsabilidades são atribuídas a cada sexo, dentro da nossa sociedade: "Nela, o homem é o agressor nato, o soldado que sitia as fortalezas. Quanto à mulher, ela é a guardiã das portas, a defensora dos tesouros sagrados. Se o homem consuma a invasão e se apodera do tesouro, ele apenas cumpriu com o seu dever. Não existe, para ele, nenhum motivo para se sentir culpado ou com remorsos. A mulher que se deixa possuir à força, no entanto, faltou com o seu dever. A sociedade, a família, a polícia e os tribunais a tratarão como tal. E esse tratamento parecerá à mulher mais traumatizante e terrível que a própria violação, pois ele é completamente injusto". A. de R. lembra que este código de ética vem sendo utilizado, sem qualquer mudança, desde os tempos do Velho Testamento:

— Basta citar uma passagem do Velho Testamento, no Êxodo, que diz: "Tu não cobiçarás a casa do teu próximo, nem sua mulher, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu asno; nada do que lhe pertence". A posição da mulher nessa lista fica bem clara: primeiro, ela pertence ao homem, como o boi e o asno; e segundo, em matéria de importância, só está um pouco acima destes.

— É claro que eu não acredito que vá ser feliz com ele. Mas eu já estava desgraçada, não ia ser feliz mesmo, de qualquer maneira. Também sei que ele não vai me tratar bem, não vai me respeitar; mas agora eu sou dele, ele vai ter que me sustentar, senão eu cobro na Justiça. (M.G.)

M.G. sabe que poderá se defender, desde que obedeça cegamente aos códigos que lhe foram impostos, e que servem para manter a mulher sempre numa posição inferior em relação ao homem. E as feministas estão certas de que o que faz o violador ser punido, de acordo com a interpretação dos códigos, não é o ataque contra a mulher, mas sim o fato de que ele atenta contra um direito fundamental: o direito à propriedade.

Diz A. de R.: — A ordem social supõe uma repartição relativamente equitativa das mulheres; neste sentido, o violador ameaça a ordem social, porque ameaça a propriedade de outro. Fora desta ameaça não existe violação. É bom lembrar que esta não existe entre esposos, e que o marido tem todo o direito de possuir sua mulher quantas vezes queira, mesmo que ela não o deseje ou lhe resista. Sintoma trágico de uma doença social chamada **virilidade**, a violação, a meu ver, é um problema cultural.

—Não ousei tocar no meu filhinho: eu me sentia suja, acho que vou me sentir assim para o resto da vida. A dona da casa levou-o para o seu quarto, enquanto a empregada procurava arrumar as coisas que os ladrões haviam espalhado pela casa. Eu fui para o banheiro, fiquei muito tempo sob o chuveiro, sem pensar em nada, deixando apenas que a água escorresse. Depois, quando saí, a dona da casa me avisou: "Já chamei a polícia". Meu marido continuava no quarto, e eu não agüentei mais aquele silêncio, fui até lá. Ele estava sentado na cama, a cabeça entre as mãos, e não levantou os olhos, embora percebesse que eu tinha entrado. Acho que foi naquela hora que eu percebi que tudo havia desmoronado. Até hoje não sei por que, mas tudo o que lhe pude dizer, naquela hora, foi "desculpe". Sempre me olhar, ele murmurou: "Eu tinha que pensar em nosso filho". E a gente não se disse mais nada até que a polícia chegou (S.S.M.).

M.G., perdida nos meandros de Del Castilho, cobrou — e obteve da sociedade a posição que esta lhe reservou; S.S.M. assinou um pacto de silêncio com o marido, levando em conta que este foi, de certa forma, cúmplice do ataque que ela sofreu (por causa de sua omissão, não poderá humilhá-la: ele não soube defender seu "patrimônio"); A. de R. partiu para uma tomada de consciência que, segundo ela, é o único meio através do qual as mulheres podem lutar contra a opressão dos homens. Esta posição já justificou até o surgimento de organizações como a **Women Against Rape** (Mulheres Contra o Estupro), nos Estados Unidos, que defende a tese pregada por A. de R. de que o estupro é um problema cultural, ou, mais precisamente, (Susan Brownmiller — **Against our Will: Men, Women and Rape**, EUA, 1975) de que a violação é um ato de poder, não de sexo.

Aguinaldo Silva

Desbloqueando o tabu

Pier Paolo Pasolini

Tradução de Clóvis Marques

Dois especialistas franceses escreveram um livro pedagógico sobre os homossexuais, destinado (o que é bastante utópico) a substituir nas bancas as obras análogas eróticas, comerciais, sencacionalistas, etc. É um livro que se apresenta como honesto, claro, completo, democrático e moderado; e, com efeito, o é. Contrariando meus hábitos de crítico (mas é evidente que não me faço aqui de crítico literário), começarei por alinhar uma série de citações particularmente eficazes para introduzir o leitor a um assunto que é sempre "tabu", como sustentam com razão os autores do livrinho, Daniel e Baudry.

1) "É portanto necessário, a qualquer preço, **desbloquear** o tabu. Já não vivemos — todos hão de convir — numa época em que os problemas dolorosos e delicados podiam ser silenciados ou abafados... Questões que por muito tempo foram proibidas, como a contracepção, o aborto, as relações sexuais entre adolescentes, são hoje objeto de programas de rádio e televisão, de pesquisas nos jornais. Seria exagero dizer que o mesmo acontece — pelo menos na França — com a homossexualidade."

2) "Uma curta fase de São Paulo, em sua **Espístola aos Efésios,** talvez esteja na origem de tudo: "Que não se dê sequer nome a estas coisas".

3) "Mesmo os órgãos de imprensa conhecidos por seu liberalismo e sua inteligência mantêm a este respeito uma atitude surpreendente e confomista."

4) "Em outras sociedades, muito embora se tenham libertado do cristianismo, a velha condenação religiosa, que estava excessiva e profundamente enraizada para desaparecer, tomou a forma de um falso racionalismo e conserva todo seu vigor; a União Soviética e Cuba têm leis severas contra os homossexuais, em nome da **defesa do povo** contra os vícios do capitalismo decadente."

5) "É significativo, a este respeito, que Hitler tenha enviado aos campos de concentração, para exterminá-las, três categorias minoritárias, com a mesma motivação de **salvaguarda da defesa da raça:** os judeus, os ciganos e os homossexuais, distinguidos por um triângulo rosa, eram objeto de tratamento particularmente abomináveis. (São estes, apesar de tudo, os únicos que, após a guerra, nunca tiveram direito a uma pensão.)" E ainda, podemos acrescentar, são os únicos para os quais as coisas continuaram essencialmente como antes, sem o menor sinal de qualquer forma de reabilitação.

6) "Em termos estatísticos, é portanto provável que, de quinze pessoas freqüentadas por nosso leitor, uma ao menos seja homossexual. É uma constatação que merece reflexão."

7) "... Não existe exemplo de jovens rapazes que, tendo sofrido violências sexuais, tenham permanecido homossexuais por causa destas violências. Supô-lo, mesmo por um instante, é um evidente absurdo. Pelo contrário, o traumatismo é tal que afasta para sempre da homossexualidade. A menos que a violência não tenha passado de uma pretensa violência e que o rapazinho, conscientemente ou não, tenha procurado o que lhe aconteceu."

8) "Nada permite afirmar, nem mesmo suspeitar, que exista a menor relação de causa a efeito entre homossexualidade e neurose: o vínculo, se existe, deve-se ao fato de que a condenação social de homossexualidade é geradora de neuroses."

9) "Os juízes freqüentemente dão provas de uma surpreendente indulgência em relação aos jovens acusados de terem brutalizado, ferido e às vezes mesmo assassinado um homossexual; como se, no fundo, pensasse: "É bem feito para ele. "Ao mesmo tempo, é freqüente que um homossexual acusado de algum delito se veja condenado pela simples razão de que, sendo homossexual, é culpado por definição."

10) "É necessário levar em conta uma reação inconsciente bem conhecida dos psicólogos: muitos daqueles que insultam os homossexuais são levados a isto apenas por sua recusa de admitir sua própria homossexualidade recalcada. Jean-Paul Sartre manifestou-se vigorosamente a este respeito: "Quanto àqueles que mais severamente condenam Genêt, estou convencido de que a homossexualidade é, neles, uma tentação constante e constantemente renegada, o objetivo de seu ódio mais profundo: estão felizes por detestá-la no outro, porque têm assim a possibilidade de desviar de si os olhares."

11) "O mundo da homossexualidade ou da droga (observem a aproximação significativa) nunca tem nada a ver com o movimento operário", declarou Pierre Juquin, membro do Comitê Central do PCF (**Le Nouvel Observateur,** *5-5-1972*).

12) "... A felicidade de um quinze avos da humanidade não é uma questão de que nos possamos desinteressar de coração leve."

São doze citações ligadas ao sentido geral, ao mínimo e ao que se pode qualificar de evidente sobre este assunto: o "livrinho" de Daniel e Baudry não está todo aí. É uma obra de vulgarização, mas de caráter científico, e, portanto, complexo.

Eu teria, entretanto, uma série de observações a fazer (o leitor só poderá compreendê-las após ter lido o texto de que me ocupo — o que lhe recomendo calorosamente).

Minha primeira observação diz respeito a Freud. É sabido que somente a psicanálise é capaz de explicar o que é a homossexualidade. Mesmo Daniel e Baudry sabem disso: por um lado, no entanto, eles declaram baseando-se abusivamente no bom senso, sua insatisfação a respeito das explicações freudianas, e, por outro, apontam em Freud o principal culpado pela instituição da homossexualidade como "anormalidade" em relação a uma "normalidade" — a da sociedade burguesa — que Freud aceita passiva e talvez covardemente. Isto não me parece justo. Quando Freud diz "normalidade" (o resultado é sempre formal e esquemático), ele entende essencialmente com isto a "normalidade" como **ordo naturae** que não tem solução de continuidade na história, nem nas diferentes sociedades. Mesmo nas sociedades favoráveis à homossexualidade, a "normalidade" era a "médiá", ou seja, o comportamento suxual da maioria. "Anormalidade" é uma palavra como outra qualquer quando seu sentido é racional (e não positivo ou negativo).

Este "resto" de respeito pelas idéias do "mundo normal" que persiste em dois autores que, mesmo permanecendo moderados, aceitam no essencial o relatório "revolucionário" do FHAR (Front Homosexuel d'Action Révolucionaire), é igualmente demonstrado por um outro fato: eles condenam, quase chamando a indignação da maioria, a irresponsabilidade dos "pederastas libertinos" que exercem sua tendência erótica sobre os "efebos", os adolescentes no limiar da idade adulta. A acusação é sempre a mesma: leva-se assim a inclinar-se para a homossexualidade um adolescente incerto (bissexuado: nº 3 da escala de Kinsey). Mas isto contradiz tudo qeu os autores disseram. Pois se ele é efetivamente bissexuado, continuará de qualquer forma a sê-lo, e se, por pura hipótese, viesse a dar uma certa preferência à homossexualidade, **isto não seria um mal.**

Trata-se do seguinte: Daniel e Baudry tentam — acreditando sinceramente que a idéia é boa e eficaz em seus efeitos — inserir o problema da homossexualidade no contexto da tolerância nascente (existencialmente, na prática, já afirmada, ainda que as leis estejam, como sempre, atrasadas); uma tolerância que diz respeito às relações heterossexuais (anticoncepcionais, aborto, relações extramatrimoniais, divórcio — no que diz respeito à Itália — relacionamento sexual entre adolescentes). Em seguida, vinculam tudo isso ao problema (político) das minorias.

Pessoalmente, não acredito que a forma atual de tolerância seja real. Ela foi decidida "do alto": é a tolerância do poder do consumo, que tem necessidade de uma elasticidade formal absoluta nas "existências", para que todos se tornem bons consumidores. Uma sociedade sem preconceitos, livre, na qual os canais e as existências sexuais (heterossexuais) se multiplicam, e, **em conseqüência,** ávida de bens de consumo. Compreender e aceitar isto é certamente mais difícil para uma mentalidade liberal francesa do que para um progressista italiano, que sai do fascismo e de um tipo de sociedade agrícola e paleo-industrial, e que, portanto, se encontra "sem defesa" face a este monstruoso fenômeno. Formar um casal é **doravante,** para um jovem, não mais uma liberdade, mas uma obrigação, na medida em que ele tem medo de não estar à altura das liberdades que lhe são concedidas. Já não existe, assim, limite de idade.

Quero dizer com isto que Daniel e Baudry se enganam quando esperam que a tolerância inclua igualmente a homossexualidade entre seus objetivos: isto se verificaria se fosse o caso de uma tolerância real, conquistada de baixo. Mas se trata de uma falsa tolerância que é certamente o prelúdio a um período de intolerância e de racismo piores (ainda que menos **grandguignolescos**) que na época de Hitler. Por quê? Porque a **verdadeira** tolerância (que o poder fingiu assimilar e fazer sua) é o privilégio social das **elites** cultivadas, enquanto que as massas "populares" gozam hoje de uma horrível larva de tolerância, que lhes inculca uma intolerância e um fanatismo quase neurótico (o que outrora era característico da pequena-burguesia).

Assim, por exemplo, este livrinho de Daniel e Baudry só pode ser compreendido pelas **elites** cultivadas e portanto tolerantes: só elas podem talvez, já que não são afetadas, liberar-se do "tabu" que atinge a homossexualidade. As massas, em compensação, estão destinadas a acentuar ainda mais sua fobia bíblica, caso a tenham; se, pelo contrário, não a têm (como em Roma, na Itália meridional, na Sicília, nos países árabes), elas estão prontas a "abjurar" sua tolerância popular e tradicional para adotar a intolerância das massas formalmente evoluídas dos países burgueses gratificados com a tolerância.

Aqui, o discurso se torna político. Até mesmo o livrinho de Daniel e Baudry dedica algumas páginas ao "movimento político" da questão. Mas nelas a análise é dominada por uma forma de anticomunismo que, se é perfeitamente justificado a respeito da homossexualidade, é no entanto igualmente suspeito, porque faz parte do desejo ansioso de permanecer moderado e integrado que domina pateticamente toda esta obra. Mas a carência analítica de Daniel e Baudry a propósito da relação entre homossexualidade e política não deriva tanto de uma ideologia política discutível quanto de uma discutível ideologia a respeito da homossexualidade. Com efeito, resulta, pelo menos implicitamente, deste livro, que um homossexual ama ou faz o amor com outro homossexual. Ora, não é absolutamente o que acontece. Um homossexual, em geral (na grande maioria dos casos, pelo menos nos países mediterrâneos), ama e quer fazer o amor com um heterossexual disposto a uma experiência homossexual, mas cuja heterossexualidade não é em absoluto questionada. Ele deve ser "macho" (donde a falta de hostilidade pra com o heterossexual que aceita a relação sexual como simples experiência ou por interesse: com efeito, isto garante a sua heterossexualidade).

Como **único** fato político importante, Daniel e Baudry observam que não apenas os ricos e os burgueses são homossexuais, mas igualmente os operários e os pobres. A homossexualidade asseguraria portanto uma espécie de ecumenismo interclassista. A isto não falta importância, pois, de um ponto de vista de classe, isto faz da homossexualidade um problema universal e, portanto, inevitável. O marxismo que o desconsidera ou nega (além de tudo com desprezo) não é menos perigoso que aquele fascista francês que, no Parlamento, quis que se definisse a homossexualidade como um "flagelo social".

Mas não é isto que importa. É necessário buscar em outra parte o "momento político" da homossexualidade, e pouco importa que seja à margem, muito à margem da vida pública. Eu tomaria o exemplo do amor entre Maurice e Alec, no magnífico romance de Forster de 1914, e o do amor entre o operário e o estudante na igualmente magnífica (mas inédita) narrativa de Saba.

No primeiro caso, um homem da alta burguesia vive em seu amor pelo "corpo de Alec, um servidor, uma experiência excepcional: o 'conhecimento' da outra classe social. O mesmo acontece, mas em sentido inverso, com o operário e o estudantezinho de Trieste. A consciência de classe não basta, se não contém um "conhecimento" de classe (como eu dizia num antigo poema). Mas, além desta troca de "conhecimento de classe", prática mas também misteriosa, que a mim, e talvez só a mim, parece portadora de uma **altíssima significação** — eu oporia ao interclassismo de Daniel e Baudry, que qualifiquei de ecumênico, esta frase de Lênin (depois de 17) a propósito dos judeus: "A maioria dos judeus são operários, trabalhadores. São nossos irmãos oprimidos como nós pelo capital, são nossos camaradas... Os judeus ricos, como nossos ricos... oprimem, roubam os operários e semeiam entre eles a discórdia." Se pretendemos verdadeiramente devolver os homossexuais à "normalidade", eu não saberia indicar melhor maneira que a de Lênin a propósito dos judeus, a qual certamente não **abre** para uma falsa perspectiva de sociedade tolerante. De resto, Daniel e Baudry parecem ter esquecido aquela que é a mais alta resposta ideológica de um homossexual ao pogrom servil e feroz dos supostamente "normais", o suicídio do personagem homossexual do **Livro Branco** de Cocteau, que pôs fim a seus dias porque compreendera que era intolerável para um homem **ser tolerado.**

(**Tempo,** 26 de abril de 1974)

NA JAULA

(A história de um presidiário guei)

Christopher Lemmond é um prisioneiro da Penitenciária do Estado de Novo México, Estados Unidos. Ele pediu à imprensa guei e alternativa em geral que publique sua carta e é o que nós estamos fazendo agora . "Peço apoio diretamente a vocês e às suas organizações. Ele será muito importante para mim e para todos os meus irmãos na mesma situação. As Anitas Bryant deste mundo estão em todas as partes e em todos os níveis burocráticos. E é aqui, dentro das prisões, que esse tipo de gente tem poder para torturar, mutilar e matar sem temor da opinião pública."

A história de Christopher Lemmond não é agradável mas acreditamos ser necessário publicá-la. Cartas de apoio podem ser enviadas para Christopher c/o Lambdas de Santa Fé, Box 2622, Santa Fe, NM 87501. Cartas de protesto deverão ser remetidas a Claude J. Malley, Warden, Penitentiary of New Mexico, Box 1059, Santa Fe, NM 8701, e para Governor Jerry Apadaca, State Capitol Bldg., Santa Fe, NM 87501.

No final de julho de 1976 fui condenado por roubo a mão armada. Na manhã do quinto dia aqui, fui violado e esfaqueado por cinco prisioneiros. Decidi que seria melhor permanecer fechado numa solitária durante o tempo de condenação, de 10 a 50 anos, do que me deixar ser usado pelos demais prisioneiros como objeto de masturbação. Fui colocado em isolamento numa cela de 1 metro e 80 por 2 metros e 70, rodeado por homens hostis e furiosos, sempre procurando alguém sobre o qual dar vazão às suas emoções. Como sou jovem, guei e bonito (algo de que ninguém deve se orgulhar numa prisão), transformei-me no bode expiatório desses homens. Nunca tinha encontrado antes um ódio tão cego.

Os guardas tentaram me convencer de ir para a "unidade de proteção", coisa que felizmente não quis. Em setembro, um homem foi assassinado ali por tentar proteger um rapaz de 17 anos que estava sendo violentado por um grupo.

Nos três meses seguintes tentaram me queimar vivo, jogaram em mim fezes e urina e fui submetido a um verdadeiro tormento verbal. Tive de lutar contra isso, das 6 da manhã à meia noite, todos os dias da semana. Para mim, essa luta representava uma questão moral. Nunca consegui deixar passar sem resposta um comentário discriminatório. Lutei como se minha vida dependesse de cada uma daquelas batalhas. Há algo dentro de mim que se revolta quando me desprezam por ser guei. Me recusei a ser o estereotipo da "bicha de mictório" que os outros presos queriam fazer de mim. Isso só serviu para que o machismo deles se sentisse ameaçado. Quebrar minha vontade tornou-se um desafio para eles. A luta ficou ainda mais violenta.

Depois desses longos e difíceis três meses eu desisti e pedi para ser colocado em regime de solitária. Por cerca de dois meses vivi somente de comida. A cela permanece escura todo o tempo. Não se tem direito a receber correspondência, livros, jornais, ou cigarros. Às 10 e 30 da noite dão um colchão que é retirado às 6 da manhã. Certas vezes o cano de esgoto passando pelo lugar onde são guardados os colchões começava a vazar e empatava tudo, a ponto de eu não poder me deitar no colchão, tal o mau cheiro. As baratas me acordavam passeando no meu rosto e por dentro das minhas roupas. Mas o pior era que eu não tinha nada para fazer.

Passados dois meses eu tinha mudado tanto que quase não me reconhecia. Perdi 10 quilos, mas era na minha mente que se deram as maiores mudanças. Eu percorria a cela — quatro passos até a porta, meia volta, quatro passos até o fundo. Não conseguia mais controlar meus nervos. Ria e chorava sem razão. Comecei então a temer por minha sanidade mental. Pedi para sair, sabendo que só poderia esperar os mesmos poblemas que já tinha enfrentado.

Em março de 1977 decidi ir para a unidade de proteção. Não há ali espaço suficiente para se sair da cama. Ela é superlotada e uma das piores coisas é que muitos dos presos colocados nesse lugar são loucos.

A superlotação atinge também os hospitais do Estado. Os guardas, sabendo que as pessoas na unidade de proteção temem por suas vidas, nos maltratam de uma maneira inacreditável. A linguagem dos guardas é muito pior do que em qualquer outra parte da prissão. Além disso, eles violam os regulamentos da penitenciária. Eu vi um guarda abrir uma cela com o único fim de tirar um preso para bater em outro. Às queixas eles respondem com um "Cale a boca ou nós o mandaremos para as celas comuns", o que significa que o preso seria surrado, esfaqueado, violentado ou morto.

Eu tive muitos problemas na unidade de proteção. Descobri que o conselho de livramento condicional discrimina contra casos recolhidos à proteção e contra homossexuais. Os presos em proteção não podem ter tratamento psicológico, programas educacionais ou qualquer tipo de programa de reabilitação. Torna-se portanto impossível conseguir uma ficha favorável para mostrar ao conselho de livramento condicional. Quanto a discriminação contra homossexuais, um homem me relatou sua entrevista com esse conselho. Sua ficha de conduta foi discutida por cinco minutos e sua sexualidade por uma hora! A seguir o conselho de livramento condicional lhe disse: "Esta prisão é um paraíso para as bichas, com tanto homem à disposição. O tribunal te fez um favor te mandando para cá. Achamos que precisas de mais tempo para aprender tua lição." Não podemos ter rádio ou televisão. Instrumentos musicais, não são permitidos. Não podemos ter mais de seis livros por ano, nem nos é permitido fazer cursos por correspondência.

Na verdade, eu tive mais sorte do que muitos jovens gueis ou heteros na prissão. Eu vi como é que fica uma pessoa depois de ter sido subjugada e vendida por um maço de cigarros tantas vezes até ninguém mais querer comprá-la. Depois disso o preso se transforma em "propriedade da casa". A escravidão sexual é comum aqui. Os homossexuais são muitas vezes apostados em lugar de dinheiro nas partidas de pôquer. Eles já não sabem mais quem são seus proprietários" ou o que é que vai ser feito com eles a seguir. São emprestados aos amigos de seus proprietários, surrados e explorados. Sei de um caso em que um homem foi enforcado porque "não era mais apertado".

Grupos de prisioneiros conhecidos como "Booty Bandits" fazem fila para inspecionar o reto de uma vítima pré-selecionada. Quando uma pessoa é violada na cela comum, ela pode tomar uma decisão entre as seguintes: (1) Ir para a unidade de proteção. (2) Insistir nas suas acusações aos estuprador ou estupradores, o que poderá levá-la à unidade de proteção ou à morte. (3) Transformar-se no "menino" ou escravo sexual do prisioneiro que tem o poder de tratá-lo da forma que achar melhor, para assim ficar protegida de maus tratos ainda maiores. (4) Não fazer nada, o que significa que ela passa a ser "propriedade pública". (5) Conseguir uma faca e matar quem a violou. (6) Conseguir uma faca e se matar.

É inacreditável, mas as autoridades carcerárias entravam qualquer esforço para mudar essa situação. A publicidade resultante da instauração de um processo contra um prisioneiro estuprador se reflete negativamente sobre elas. Por outro lado, não deixam entrar publicações gueis no presídio; elas ajudariam os homossexuais a se organizarem na resistência a tal tratamento. E enquanto isso as pessoas vão sendo atingidas física e mentalmente. Essas lições de total desrespeito ao direito humano básico de uma pessoa de poder controlar sua própria vida só pode prejudicar a sociedade a longo prazo. E os estragos psicológicos nas vítimas são devastadores.

Com tudo isso, não são criados programas para ajudar as vítimas na recuperação de sua auto-estima. O que se lhes oferece são segregação, recusa de tratamento psicológico, maiores restrições e punições.

As autoridades chamam a isso "O Problema Homossexual", embora muito raramente, talvez nunca, os estupradores sejam gueis. As autoridades carcerárias dizem que a culpa é nossa e evidentemente acham que estamos tendo o castigo merecido. Na realidade, são elas as culpadas. Na raiz do problema estão as condições de superlotação, o tratamento desumano de todos os presos, a falta de educação dos priosioneiros heteros quanto aos seus colegas gueis, a recusa em permitir que os homossexuais se unam e a ausência de um processo que permita a todos os encarcerados veicular seus inevitáveis sentimentos sobre a maneira como são tratados e as condições de vida. Promovendo o ódio e a violência entre os presos as autoridades podem continuar distribuindo seu tratamento desumano para todos nós.

Esta é uma situação de vida e morte para muita gente. Enquanto escrevia esta carta um homem tirou as tripas para fora e outro cortou a garganta. Não sei se morreram. As duas tentativas de suicídio ocorreram a alguns metros da minha cela. Acho que isso vale um selo de correio. Por favor, escrevam me apoiando e protestando contra toda essa situação que torna possível a violentação de nossos irmãos. (**Tradução de Francisco Bittencourt**)

Às portas da Lei

Dezenas de leitores, sentinelas lampiônicas espalhadas por todos os pontos do País, fazem coletas diárias, nos jornais de suas cidades, recortando matérias que possam nos interessar, e que eles nos enviam pelos correios. Um serviço inestimável, pelo qual seremos eternamente gratos a estas pessoas. No Recife, uma destas sentinelas, Jota Elle, nos mandou na última semana uma página do Diário de Pernambuco (edição do dia 2.9), contendo matéria sob o título "Homossexualismo: uma opção ou mal genético irremediável?" O título é horroso, na apresentação da matéria o jornalista responsável — Fernando Machado — chega a ressuscitar a palavra **invertido**, mas a matéria, em si, tem coisas importantes. Como a entrevista do professor Ruy da Costa Antunes, catedrático de Direito Penal na Universidade de Pernambuco, e que transcrevemos aqui, trata-se de um especialista em Direito, que define a posição do homossexual perante a lei.

— **O que é homossexual para as leis brasileiras?**

— As leis brasileiras não definem o homossexualismo, diferentemente do que acontece em outras legislações, à semelhança da alemã (art. 175), da soviética (art. 121), da tcheca (art. 244), da iugoslava (art. 186), da rumena (art. 200), da búlgara (art. 176). Os artigos são todos dos respectivos códigos penais destes países. Nessas legislações, citadas ao acaso, algumas vezes são punidas as relações sexuais entre homens (Alemanha, Rússia e Iugoslávia); noutros casos (Tchecoslováquia, Rumênia e Bulgária), as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, isto é, tanto homens como mulheres.

— **Quer dizer que não há, no Brasil, o crime de homossexualismo?**

— Não.

— **A lei brasileira considera adultério o fato de um homem ou uma mulher casados manterem relações fora do matrimônio com pessoas do mesmo sexo?**

— Não, pois o adultério define-se como o relacionamento sexual fora do matrimônio com pessoa de outro sexo. Do ponto de vista civil, entretanto, a prática homossexual de um dos cônjuges poderá ensejar a separação judicial (antigo desquite), sob o fundamento de injúria grave.

— Qual seria a injúria grave?

— É amplíssima. O conceito civil de injúria grave abrange toda e qualquer situação que envolver descrédito, desprestígio, humilhação ou diminuição, para o outro cônjuge. Evidentemente, a preferência de um dos cônjuges por outro parceiro vai atingir em cheio a auto-estima do preterido, o seu amor próprio. Faculta-lhe, assim, a lei civil, o remédio da separação judicial e, posteriormente, o divórcio.

— **Existe, no Brasil, proibição para o exercício de certas profissões pelo homossexual?**

— Não me consta que haja proibição explícita, salvo no caso da profissão militar. O Código Penal Militar, no artigo 235, pune com detenção de seis meses a um ano a prática de ato de libidinagem, homossexual ou não, em lugar sujeito à administração militar. Os regulamentos militares, por outro lado, são rigorosos no tocante à conduta homossexual, considerada incompatível com a disciplina e dignidade da caserna.

— Ressalvada essa hipótese, em outras profissões, muito embora não haja proibição explícita do respectivo exercício por homossexuais, preconceitos milenares, advindos do Velho Testamento, vedam, na prática, o acesso de homossexuais, notadamente do sexo masculino. Por força de tal marginalização prática, homossexuais masculinos vêem-se na contingência de escolher certas profissões socialmente reputadas como femininas.

— **Existe lei punitiva da extorsão aos homossexuais?**

— O artigo 158 do Código Penal Brasileiro pune com reclusão de quatro a dez anos a extorsão praticada contra qualquer pessoa, homossexual ou não.

— **O senhor, como cidadão, tem algum preconceito contra o homossexual?**

— Não. O fato de o homossexual, masculino ou feminino, alimentar preferências, em seu relacionamento amoroso, inteiramente distintas das minhas, é tão irrelevante, do ponto de vista da sua consideração como pessoa humana, como o de qualquer heterossexual manter preferências diversas das minhas em outros campos da atividade humana.

Quanto vale o negro brasileiro?

As mais diversas tendências políticas e religiosas brasileiras marcaram, este ano, a bandeira do problema do negro. O Poder Público, através do Presidente João Baptista de Figueiredo, encabeçando uma política populista. A Igreja Católica, através dos sucessivos pronunciamentos da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros, buscando o ajustamento social. A Sociedade Pelo Progresso da Ciência na tentativa de solucionar a catalogação dos grupos étnicos. O ex-govenador Leonel Brizola tentando engrossar as suas fileiras na face da reorganização do Partido Trabalhista. Enfim, a conquista do negro se manifesta em facções diversas, a minoria dominante busca na comunidade negra o apoio necessário para a sua manutenção na posse das riquezas, e acúmulo de novos lucros, para sua participação na camada decisória e para usufruir dos benefícios nacionais e internacionais que advêm do domínio. Setenta e oito por cento da população brasileira é constituída por negros e mestiços, sem nenhuma representatividade nas tendências políticas e religiosas apontadas no parágrafo, acima. Uma maioria populacional vivendo em situação tão inferior que teve excluído do recenseamento o item que determinava a cor de sua pele. Desde o estabelecimento do regime ditatorial militarista em 1964, seguindo ordens externas, o governo brasileiro aumentou a força anulatória dos valores culturais, políticos e sociais do negro brasileiro. A partir de 1973, quando foi criada a Comissão Trilateral, o negro brasileiro foi reconsiderado nos quadros políticos, não quanto à sua etnia e sim quanto à parcela produtora de economia.

Os negros reunidos na Cinelândia, na homenagem a Zumbi (fotos de Januário Garcia)

"A ascensão de Carter ao governo dos Estados Unidos significou uma profunda mudança na política externa daquele país. Até então o realismo político no estilo Kissinger dava maior ênfase aos problemas de ordem política. Daí os eixos das relações internacionais se terem caracterizado pela oposição leste-oeste, ou capitalismo versus socialismo, ou EUA versus URSS. Nesta perspectiva os países do Terceiro Mundo apresentavam-se como áreas estratégicas para a segurança dos Estados Unidos. É por aí que se compreende como uma orientação definitivamente militarista serviu de base para o "pentagonismo" e a "ideologia de segurança nacional". As ditaduras militares da América Latina (Brasil, Uruguai, Paraguai, Argentina) foram criadas e mantidas pelos EUA exatamente como elementos de sua sustentação política. Todavia, os Países do Terceiro Mundo passaram a ameaçar as nações industrializadas na medida em que, por um lado, buscavam formar Associações, como a OPEP, para controlar os preços de suas matérias-primas estratégicas, e por outro lado enquanto países pobres, colocavam a exigência da instauração de uma Nova Ordem Econômica Internacional, caracterizada por uma redistribuição fundamental das riquezas entre os países ricos e pobres.

Em face deste desafio lançado pelo Terceiro Mundo e pela ameaça que ele representava para o capitalismo internacional, foi criada a Comissão Trilateral em 1973. Seu nome provém do fato de que seus membros são empresários, banqueiros e políticos (D. Rockefeller, J. Carter, Z. Brzezinski, Cyrus Vance, o Presidente da GM, da ITT, da US. Steel, etc.) do tríplice bloco econômico que constituem EUA, Europa Ocidental e Japão. Os pontos básicos que a caracterizam como metodologia e tendência são: — O problema prioritário que atualmente se constitui como desafio universal é a ordem do econômico e não do político. Ele se concretiza na tensão norte-sul, ou seja, uma oposição entre países pobres e países ricos. Há que calar temporariamente o "Terceiro Mundo" mediante a realização de reformas importantes que atinjam o sistema em suas estruturas. Tais reformas só visam a sua salvação. — A noção de "interdependência" direciona sua conduta na medida em que se opõe à noção de isolacionismo, proposta pelos países do Terceiro Mundo. Segundo Brzezinski, ela consiste na promoção de uma "ordem mais eqüitativa", ou seja no fomento de um desenvolvimento dependente que, neutralizando as exigências mais radicias, concederá certos benefícios econômicos aos países do Terceiro Mundo.

Esses pontos refletem como o Imperialismo vem reagindo também em face das derrotas político-militares que sofrem na Indochina (Vietnam, Camboja e Laos) assim como nos países africanos de língua portuguesa (Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Thomé e Príncipe). Na medida em que o Governo Carter é o primeiro a adotar a prática "Trilaterismo", compreendemos que a ênfase concedida à questão dos direitos humanos não passa de um efeito das articulações operadas no plano político e econômico. Para isso basta que se observe a conclusão a que chegou o trilateralismo em termos de América Latina: o militarismo latino-americano não possui capacitação para efetuar um tipo de desenvolvimento que favoreça aos interesses econômicos dos componentes do Pacto Trilateral. O que se percebe de tudo isso é que para países como o Brasil, as condições necessárias para um crescimento econômico "adequado" só pode ser as que se seguem: governo civil e democracia formal (burguesa) que favoreça certa prosperidade à classe média, à pequena indústria e aos grupos comerciais dependentes, além de uma redistribuição mais eqüitativa de rendas.

É por aí que se pode compreender porque o advento do governo Geisel se faz anunciar com promessa de abertura lenta, gradual e segura que conduziria à chamada abertura do governo Figueiredo. Essa mudança não significa nada mais do que a necessidade do regime de readaptação aos conchavos internacionais e de pressão interna dos movimentos populares.

Vemos que há um "perfeito" e conincidente casamento" entre estes eixos e a nova política governamental do Presidente Figueiredo que se reflete numa anistia restrita, parcial, na reformulação partidária "à moda da casa, nova CLT, a nova política salarial, que representa um falso aumento semestral, numa tentativa de desmobilização dos movimentos populares reinvindicativos" (Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial — Boletim Informativo — páginas 8 a 10 — Setembro/ 79). A reprodução do estudo do MNUCDR estabelece as diretrizes para o que ocorre com todas as tendências políticas e religiosas quanto ao comportamento a respeito do negro brasileiro. A Igreja Católica se integra, perfeitamente, nesta comissão Trilateral, com bases no seu passado histórico e de acordo com a sua estrutura atual. A riqueza do Vaticano foi fortalecida, principalmente, com o ouro extraído do Brasil na época da Colônia e hoje dezenas de multinacionais italianas atuam no mercado internacional desde a indústria da bebida alcoólica até a fabricação de armamentos militares. Incorporada, por tal situação, ao Trilateralismo, a Igreja, em nome de Deus, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, busca a revisão do problema negro.

A Sociedade pelo Progresso da Ciência, nos meados deste ano, preparou um vasto simpósio reservando um capítulo para o estudo do problema do negro no Brasil. Convidado a participar do simpósio, o etnólogo Eduardo Oliveira e Oliveira propôs que vários negros, estudiosos de seus próprios problemas, compusessem uma comissão. Aí o capítulo se desmoronou após uma acirrada discussão e a discriminação racial se evidenciou. O que não se conta é que tais cientistas progressistas (socialistas, porque não esclarecer?) estudaram na deturpada escola do psiquiatra baiano Nina Rodrigues.

A investida de Leonel Brizola e os acenos de participação na vida partidária do PTB que se forma têm seus fundamentos numa discussão nos Estados Unidos com o Embaixador americano, o negro Andrew Young. Na oportunidade, com veemência, Young afirmou não entender um partido com bases populares, onde o negro não atuasse e nem tivesse representatividade, embora somasse quase 80% da população do país. Desde sua fundação o PTB usou e abusou do negro, inclusive como capanga, cabo eleitoral e criado de recados, quase escravo. Agora, ativado pelo Trilateralismo, Leonel Brizola acena com as possibilidades de uma vida partidária no seio de uma facção política confusa e indecisa, e acima de tudo discriminante.

Na área da ciência, principalmente entre os psicanalistas, psicólogos e psiquiatras, a situação é de máxima repressão. Aí do negro sonhador que se lança aos estudos buscando galgar uma posição nesta área. Vai longe o tempo. Em que o negro Juliano Moreira pôde exercer livremente a psiquiatria, inclusive desenvolvendo aprofundado estudos. Em 1977 um jovem Otelino, negrinho abusado, quase estagiário, recem-formado, se viu jogado na rua da amargura sem apoio moral e profissional, inquesicionado que foi pelos seus colegas brancos da Casa de Saúde Doutor Eiras. Onde já se viu um negro querer tratar das doenças mentais? Onde já se viu um negro saber o que se passa numa cabeça branca? Aliás, as condições subumanas que são reservadas ao negro brasileiro não o permitem frequentar os requintados consultórios e clínicas de psiquiatras, psicanalistas e psicólogos. O paciente negro quando consegue internação é hospedado num sanatório sujo, leva choques elétricos e serve de cobaia para drogas que as multinacionais costumam usar amplamente nas guerras contra os seus prisioneiros ou na anulação de seus "heróis" inválidos.

Na área técnica o negro consegue ainda se esconder entre os operários menos especializados, mas quando um graduado superior se sobressai e ameaça a posição dos dirigentes apadrinhados, logo é transferido, perde as vantagens salariais e na maioria das vezes é sumariamente, demitido. Aliás, existe um caso sério, o do Professor Sebastião de Olivera, do Instituo Oswaldo Cruz, de Manguinhos. Um dos maiores técnicos de sua área de ação profissional se viu demitido em 1968 acusado de subversão. O seu crime político era ser negro e Presidente do Renascença Clube. Na área artística e esportiva, dois casos nacionais bastam para iluminar e ilustrar a minha afirmação. O Compositor Martinho da Vila foi boicotado de todas as formas na RCA em 1977 e 1978. Só conseguiu escapar da desgraça devido à pronta ação de jornalistas do Rio e São Paulo, que denunciaram a sórdida trama. No Futebol, Paulo César Lima, um dos maiores jogadores brasileiros da atualidade, por sua consciência negra e profissional foi sumariamente barrado da seleção brasileira. Futebol é esporte popular e antes da comissão Trilateral, o povo não contava. A seleção brasileira é comandada pelo Almirante Heleno Nunes, que por sua vez era chefiado pelo Almirante Jerônimo Bastos da Confederação Nacional dos Desportos, e o técnico do time é o Capitão Cláudio Coutinho. Talvez, com a abertura, se abra novamente, a vaga do Paulo Cesar Lima no time brasileiro. Esta questão do negro era por mim análisada quando no dia 20 de novembro, às 18 horas, passei pela Cinelândia e ouvi centenas de pessoas negras, e uma minoria de outras raças, cheia de curiosidade. O grupo negro lia em uníssono o Manifesto Nacional a Zumbi. Tal manifestação respondeu à minha indagação: quanto vale o negro brasileiro?

"A população negra brasileira hoje se encontra numa situação que não é muito diferente de há 90 anos atrás, pois as formas de dominação e exploração não acabaram com a falsa abolição, mas simplesmente se modificaram. Continuamos marginalizados na sociedade brasileira que nos discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, subemprego, à marginalização, negando-nos o direito à educação, à saúde e à moradia decente. Toda a situação é garantida pela repressão e violência policial que nos impede de andar livremente pelas ruas, humilhando-nos com a exigência constante de documentos, batendo, prendendo e até mesmo assassinando.

"Apesar das tentativas de negar o racismo existente, a dura realidade em que vivemos prova que isso não é verdade. E a luta de libertação do povo negro no Brasil não começou agora. Há mais de 400 anos, quando se iniciava o processo de escravidão no Brasil, começa também a reação dos negros. Entre as diversas insurreições e revoltas que aconteceram, os Quilombos de Palmares, formados em 1595, foram os maiores e os que mais tempo duraram, chegando a abrigar mais de 2.500 quilombolas, negros em sua maioria, mas também indios e brancos, que durante mais de cem anos estiveram em luta permanente pela sua liberdade e pela libertação de todos os oprimidos. Entre todos os dirigentes dos Quilombos, o mais fiel a esse princípio foi Zumbi, que não permitiu em nenhum momento qualquer tipo de acordo que significasse a continuidade da escravidão, que golpeasse as conquistas alcançadas pelos quilombos, que limitasse a independência de Palmares.

"No dia 20 de novembro de 1695, Zumbi foi assassinado, juntamente com 20 companheiros, pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, que é apresentado como herói pela classe dominante; na verdade ele foi assassinado de indios e negros a serviços do colonizador branco. Zumbi expressou a maior avanço na luta de todos os oprimidos em nossa história, e expressa, portanto, o mais elevado nível de consciência política de um país de maioria negra como o Brasil. Continuando o processo de libertação do povo negro brasileiro, foi criado um São Paulo o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, e já se ampliou aos Estados do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo; ele tem como objetivos básicos a denúncia permanente de todo o ato de discriminação racial, mobilizando e organizando a população negra. Zumbi é o grande símbolo de nossa luta de libertação, e por isso afirmamos 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra." (**Rubem Confete**)